A LEITURA COMO APORTE CULTURAL E CONHECIMENTO DE MUNDO

ALINE ANDRADE REIS

RESUMO

As estratégias de leitura contribuem significativamente com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, visto que a leitura é um processo e interação social em que o leitor interage com o texto, de modo ativo e crítico, atribuindo-lhe sentido. Percebeu-se que a escola precisa pensar a leitura como um ato interdisciplinar e repensar o processo educativo voltado à formação de leitores/escritores aptos a exercer sua cidadania. Assim, a presente pesquisa tem por objetivo analisar a produção de textos, o reconto, a partir da leitura, como estratégia para a prática de leitura e escrita voltadas para o trabalho com o gênero textual literário. O interesse pela realização desse estudo deu-se a partir da percepção da importância dos gêneros textuais para o ensino de língua, tendo em vista que, atualmente, os estudos nessa área consideram a língua em sua totalidade, e acreditam que o ensino de língua é mais eficaz quando parte de situações reais de comunicação, que são os textos, e, esses, por sua vez, realizam-se através de gêneros textuais.

Palavras-chave: Texto. Gênero Textual. Leitura. Estratégias.

ABSTRACT

Reading strategies contribute significantly to the development of students' learning, since reading is a process and social interaction in which the reader interacts with the text, in an active and critical way, giving it meaning. It was realized that the school needs to think of reading as an interdisciplinary act and to rethink the educational process aimed at the formation of readers/writers apt to exercise their citizenship. Thus, the present research aims to analyze the production of texts, recount, from reading, as a strategy for the practice of reading and writing aimed at working with the literary textual genre. The interest in carrying out this study arose from the perception of the importance of textual genres for the teaching of language, considering that, currently, studies in this area consider the language in its entirety, and believe that the teaching of language is more effective when part of real situations of communication, which are texts, and these, in turn, are carried out through textual genres.

Keywords: Text. Textual Genre. Reading. Strategies.

INTRODUÇÃO

Promover o incentivo ao hábito da leitura é um dos principais recursos que os professores dispõem para combater a alienação cultural e possibilitar a aquisição de diferentes pontos de vista do aluno, tornando-o um ser capaz não só de compreender a realidade, como também de atuar sobre ela.

O ensino da leitura, no contexto escolar, objetiva a formação de leitores competentes e, consequentemente, a formação de escritores aptos à comunicação escrita. Segundo Gerald (2004), a possibilidade de produzir textos eficazes está relacionada à prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelares.

Assim, preocupados com a formação de leitores, destacamos como relevante o uso dos gêneros textuais, já que são fenômenos históricos, culturais, sociocognitivos, além de linguísticos, o que, de alguma forma, apresenta aspectos da realidade de todo sujeito social. Por este viés, é importante ressaltar que os gêneros textuais devem estar presentes na sala de aula, pois auxiliam os alunos a serem críticos, questionando sobre temas específicos que impactam na vida atual.

O presente artigo se justifica ao tentar encontrar novos rumos para se alcançar um ensino de qualidade, pois a aprendizagem da leitura é fundamental para a integração do aluno no mundo literário e para a formação do cidadão, mas é necessário que os professores se empenhem em seu trabalho para que possam transmitir esse conhecimento ao aluno.

É importante destacar que o ato de ler precisa levar o aluno à compreensão do texto lido, para que, a partir desse ponto, ele seja capaz de construir significados e produzir outros textos. Portanto, atentou-se para a elaboração deste trabalho e, para tanto, apoiou-se nos seguintes teóricos, Paulo Freire (1989), Ingedore Koch (2009), Isabel Solé (1989), MARCUSCHI, (2009) dentre outros.

As reformas educacionais e o surgimento dos PCNs trazem para a sala de aula o que deveria ser, dentro deste contexto, uma nova visão para o ensino da língua. Se a princípio a escrita era utilizada somente para o registro de informações importantes e era reservada a uma elite seleta, nos dias de hoje seu papel deveria ser completamente diferente e isto seria pré-requisito básico na formação do ser. O papel da escrita na formação do sujeito é muito mais profundo do que se pensa, era preciso então que o ensino da língua visasse à compreensão do indivíduo por ele mesmo e pelo mundo que o cerca, bem como a compreensão do mundo do indivíduo pelo seu próprio conhecimento sobre a língua.

Trabalhar no desenvolvimento da ha-

bilidade textual do aluno é fazer desse indivíduo um sujeito capaz de reproduzir realidades através da escrita. Escrever está muito além de dominar códigos linguísticos; envolve uma práxis apurada na escolha das palavras, na clareza das ideias e na utilização dos elementos coesivos responsáveis pela costura do texto. Somente com essas habilidades, pode-se qualificar o aluno e considerá-lo como um escritor competente capaz de registrar no papel conceitos e ideias subjetivas de forma mais clara possível.

DESENVOLVIMENTO

A escola precisa ser um ambiente que permita a ampliação dos conhecimentos dos alunos de maneira cuidadosamente planejada, que favoreça o uso da leitura e escrita em diferentes situações do contexto social, valorizando sua função diversificada e suas variedades linguísticas. Para isso deve-se realizar um trabalho criativo e prazeroso que possibilite o desenvolvimento de habilidades comunicativas nos primeiros anos do Ensino Fundamental, por meio de diversas linguagens orais e escritas, proporcionando ao jovem aprendiz, a autonomia progressiva nos estudos.

As atividades de leitura para fluência não se relacionam a atividades em que os alunos precisam decorar textos. A leitura deve ser a atividade central da proposta. A preparação da leitura dramática não deve direcionar esforços para confecção de cenários ou figurinos, pois se corre o risco de envolver outros aspectos que não estão relacionados à leitura fluente. O ensaio é que deve ocupar lugar de destaque nessa atividade, uma vez que é necessário ensaiar várias vezes para que a apresentação atinja seu propósito. A intenção é garantir fluidez na leitura e não avaliar a capacidade do aluno de decorar com facilidade.

Assim se faz necessário, definir a palavra texto, segundo pesquisadores da área. De acordo com Marcuschi (2009), o texto é o produto de uma ação linguística onde os limites são definidos com o mundo no qual ele surge e funciona. É um tecido estruturado, uma entidade de significação e de comunicação, bem como um objeto sócio-histórico. Marcuschi adota ainda a noção de texto desenvolvida por Beaugrande (2009), que postula o texto como um evento comunicativo onde há convergência de ações linguísticas, sociais e cognitivas; o texto não configura como uma simples sequência de palavras, mas como um evento

Neste mesmo sentido, Orlandi (2009), o sujeito tem em si, tipos de interpretação de leituras que venha a fazer; e, dependendo da situação, o leitor de um determinado texto não o lê da mesma forma em diferentes momentos e condições de leitura. O leitor pode produzir um texto contextualizado e interagir com outros discursos sendo capaz de integrar a leitura e produção a outros discursos existentes que podem enriquecer o vocabulário, torná-lo crítico tirando suas próprias conclusões e etc. Para ela, "quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando".

Nesse sentido PAULO FREIRE destaca:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto [...] (FREIRE 1989, p. 09)

A leitura é antes de tudo um ato social, capaz de promover a interação nas mais variadas situações de comunicação por meio da linguagem. O ato de ler produz um sentido particular em cada leitor, pois entram em jogo as experiências, os valores e os conhecimentos adquiridos no decorrer da vida – são os chamados conhecimentos prévios, que acabam servindo de base para a construção de novos conhecimentos.

Sendo assim, a leitura é uma habilidade indispensável à vida social. É através dela que entendemos o mundo e interagimos com o outro, seja nos estudos, na nossa comunicação, na forma de nos expressarmos, nos conhecimentos que ela nos proporciona. A necessidade pela leitura e pelo domínio da linguagem escrita em nossa sociedade é cada vez mais intensa. No mundo de hoje, são muitas as situações que exigem, cada vez mais, indivíduos com habilidades diversas em comunicação, capacidade leitora e interpretativa e boa desenvoltura redacional.

Os gêneros textuais (ou discursivos) sempre estiveram presentes na nossa vida, utilizamos diariamente e nem percebemos isso, quando escrevemos um e-mail ou escrevemos um bilhete para um (a) amigo (a), o recibo que obtivemos após as compras no supermercado, a fotocópia que tiramos na universidade, a frequência de chamada utilizadas pelos professores, enfim, os gêneros estão sempre presentes no nosso cotidiano, como Rojo e

Barbosa (2015, p.16) afirmam: "todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero do discurso". Em todas as nossas atividades de comunicação fazemos o uso dos gêneros textuais, são eles que põem em ordem a nossa comunicação.

Pois, como se sabe, tudo o que produzimos para nos comunicarmos é uma forma de gênero textual que se expressa. Assim, Koch e Elias discorrem que:

[...]destaca-se a idéia de que os gêne-

ros textuais práticas sócio comunicativas - são constituídos de um determinado modo. Com certa função, em dadas esferas de atuação humana, o que nos possibilita (re)conhecê--los e produzi-los, sempre que necessário[...] (KOCH e ELIAS, 2010, P. 106)

Os gêneros são os nossos conhecimentos e são reconhecidos tanto pela forma dos textos a eles pertencentes como pelos temas e funções que se é empregado pelo sistema de linguagem que aceitam os textos pertencentes a um gênero é que deixa mais rápido os discursos de um campo ou esfera social. Como por exemplo, as notícias, editorias e comentários que fazem circular os discursos e posições das mídias jornalísticas. Os textos, embora diferentes entre si, tem pontos em comum, pois podem se repetir no conteúdo, no tipo de linguagem, na estrutura.

Assim, o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula possibilita a compreensão transdisciplinar. De acordo com Marcuschi (2009), o gênero textual engloba os níveis cultural, cognitivo, social, textual, de organização social e retórico, uma vez que representa a língua nas variadas formas de uso no dia a dia. Essa abrangência do conceito de gênero textual o torna inerente ao entendimento da língua. Assim, a natureza discursiva do gênero se constitui como instrumento para a ação comunicativa.

Nenhum leitor nasce pronto, pois seu processo de leitura se constrói a partir das experiências e relações que o mesmo estabelece durante o processo de constituição leitora, dependendo ainda dos ideais e das percepções que os docentes com os quais mantiver contato ao longo da vida escolar terão sobre o ato de ler. Cabe então à escola contribuir para a formação de um leitor que não se caracterize como um ser obediente e apático que preenche fichas faz resumos de livros ou reproduz trechos de materiais escritos.

A leitura é um processo interno, mas precisa ser ensinado e uma importante condição para que isso ocorra, ou seja, para o aluno aprender, é que ele veja e entenda como o professor faz para elaborar uma interpretação. Os alunos precisam assistir a um processo de leitura que lhes possibilite ver estratégias de compreensão do texto em ação em uma situação significativa e funcional.

A utilização de estratégias de leitura compreende três momentos: o antes, o durante e o após a leitura. Na pré-leitura, é feita uma análise global do texto (do título, dos tópicos e das figuras/gráficos), predições e também o uso do conhecimento prévio. Durante a leitura é feita uma compreensão da mensagem passada pelo texto, uma seleção das informações relevantes, uma relação entre as informações apresentadas no texto e uma análise das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las ou refutá-las. Depois da leitura é feita uma análise com o objetivo de rever e refletir sobre o conteúdo lido, ou seja, a importância da leitura, o significado da mensagem, a aplicação para solucionar problemas e a verificação de diferentes perspectivas apresentadas para o tema. Também é realizada uma discussão da leitura, com expressão e comunicação do conteúdo lido após análise e reflexão, seguida de um resumo e de uma releitura do texto (Kopke, 2001).

Ao privilegiar o protagonismo da criança leitora em sua aprendizagem cria-se a oportunidade para que conheça a si própria como produtora de sentidos de/em sua leitura. A partir das necessidades e desejos do leitor em realizar uma prática cultural, oportunizada, em sala de aula. O professor precisa se constituir como mediador de leitura e criador de novas necessidades que mobilizem a criança a iniciar a sua educação literária, sob uma nova perspectiva que garanta a ação efetiva de leitor mirim. Isso exige conhecer, no caso, os requisitos da atividade de leitura literária, a sua especificidade e finalidade, bem como a escolha das melhores estratégias que adequadamente conduzam aos seus objetivos traçados, anteriormente, estabelecidos, por exemplo, com o grupo em um projeto de leitura.

A partir de tais conhecimentos, caberá aos docentes ligarem a atividade de ler com as necessidades dos estudantes, destacando a importância da leitura em todos os âmbitos da vida, proporcionando-lhes experiências através das quais poderá expandir suas limitações e virão a obter uma percepção mais crítica da sociedade em que vivem.

Para Menegassi (2005, p.77), as “estratégias são procedimentos conscientes ou inconscientes utilizados pelo leitor para decodificar, compreender e interpretar o texto e resolver os problemas que encontra durante a leitura”.

Sobre as estratégias de leitura utilizadas neste momento Solé (1998) afirma,

Nas tarefas de leitura compartilhada, resumir – talvez fosse mais adequado falar aqui de recapitulação – significa expor sucintamente o que foi lido. Esclarecer dúvidas refere-se a comprovar se o texto foi compreendido, fazendo perguntas para si mesmo. Com o auto questionamento pretende-se que os alunos aprendam a formular perguntas pertinentes para o texto em questão. A previsão consiste em estabelecer hipóteses ajustadas e razoáveis sobre o que será encontrado no texto, baseando-se na interpretação que está sendo construída sobre o que já se leu e sobre a bagagem de conhecimentos e experiências do leitor. (SOLE, 1998, p. 119)

O processo de leitura, para a autora, apresenta características essenciais: iniciam com um texto com alguma forma gráfica, produzido como linguagem e terminado com a construção de significado. Assim, para compreender o processo de leitura é preciso compreender como o leitor, o escritor e o texto contribuem para o processo.

Segundo Leffa (1996) a leitura é como uma correlação existente dentro de conhecimentos de mundo trazidos pelo leitor e as informações apresentadas pelo texto. Logo, leitor e texto são como duas peças que se encaixam e quando não se encaixam ficam soltas. Acontecendo isso, o leitor volta no inicio e recomeça de novo e, assim ocorrendo essa combinação entre elas, a leitura procede.

Não podemos deixar de considerar que a interação entre o conteúdo do texto e o leitor é mediada pela intencionalidade com que se lê o texto; ou seja, os objetivos da leitura. São os objetivos da leitura determinam tanto as estratégias responsáveis pela compreensão quanto o controle, mesmo que inconsciente que o leitor exerce sobre a compreensão à medida que lê. Estratégias para a compreensão da leitura são procedimentos usados pelo leitor e que envolvem objetivos; planejamento das ações para atingir os objetivos; avaliação e possíveis mudanças considerando o grau de conhecimento linguístico do leitor e conhecimento prévio relevante do conteúdo do texto conforme aponta Solé (1998).

Koch e Elias (2006) apontam que diante de uma atividade de leitura várias estratégias são acionadas pelo leitor proficiente: seleção (possibilitam ao leitor se ater apenas aos índices úteis, desprezando os irrelevantes), antecipação (permitem supor o que ainda está por vir), inferência (permitem captar o que não está dito explicitamente no texto) e verificação (tornam possível o "controle" sobre a eficácia ou não das demais estratégias). Esses procedimentos possibilitam ao leitor o controle da leitura permitindo tomar decisões diante das dificuldades e confirmar suas hipóteses no texto.

Neste sentindo, a interpretação e compreensão são conceitos de difícil definição, estando, no entanto, sempre presentes na interação comunicativa, seja ela oral ou escrita. Nesse sentido, para se tentar entender o que vem a ser compreensão, é preciso levar em consideração os fatores relacionados ao autor e ao leitor. Da parte do autor, por exemplo, ele tem intenções, pretendeu dizer/escrever o que disse, da forma como disse e teve um porquê dizer o que disse. Da parte do leitor/ouvinte, são esperadas inferências sobre a produção do autor/falante. Dessa forma, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais (MARCUSCHI, 2009, p. 233).

Ler e escrever são atividades que se completam. Os bons leitores têm grandes chances de escrever bem, já que a leitura fornece matéria-prima para a escrita. Quem lê mais tem um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura gramatical e as normas ortográficas da língua.

A escrita é conceituada como a representação de palavras ou ideias por sinais, ato de escrever. Segundo Ferreira e Teberosky (1985),

A escrita alfabética é um sistema notacional, cuja apropriação constitui para o aprendiz um trabalho conceitual e não apenas perceptível – memoristico. Segundo essa teoria, para dominar o sistema de escrita alfabética o aprendiz precisa compreender a lógica das relações parte – todo nas formas orais e escritas das palavras e elaborar representações mentais para a unidade da língua. Nesse processo, terá então que, mentalmente, passar a conceber como unidade as palavras, as sílabas, as letras e os fonemas se apropriando do conhecimento metalinguístico que o principiante precisa desenvolver. Segundo as autoras o alfabeto tem regras ortográficas para reunir sílabas, palavras, frases e testos. Além disso, é preciso compreender todo o contexto social e cultural de um texto para poder realmente codificá-lo e compreendê-lo. (p. 41 apud SILVA, 2009, p. 14).

A construção da língua escrita é um processo complexo, que não se resolve por meio de exercícios mecânicos e repetitivos. Sendo assim, as novas possibilidades de ação pedagógica e as frentes de trabalho junto ao aluno sugeridas por uma concepção construtivista resultarão de uma postura educativa alicerçada no tripé: aluno, escola e alfabetização. Ou seja, um trabalho focado na construção do conhecimento para o crescimento do indivíduo, através da alfabetização construtivista, unindo o aluno mais ainda à escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões realizadas neste estudo, percebe-se a importância e a necessidade de se conhecer as tipologias e os gêneros textuais, a fim de o escritor produzir melhores textos que se adequem à necessidade da mensagem que se quer passar, bem como aos objetivos daquele que escreve, no intuito de atingir o público-alvo que se deseja, assim como as necessidades de enunciação daquilo que foi escrito.

O ato de ler não se dá linearmente, como um processo contínuo, tranquilo e sem interrupções. Ao contrário, é uma operação mental complexa marcada por tensões, porque envolve ativamente a pessoa. Ler não é fácil, exige esforço mental e físico. E como tudo que dá trabalho, muitas vezes a ten-

dência é abandonar. Por isso, em uma sala de aula, o esforço dos professores deve ser incansável. Cabe aos mestres desenvolverem uma intimidade com os textos utilizados junto a seus alunos e possuir justificativas claras para a sua adoção. É preciso conhecer a sua origem histórica e situá-los dentro de uma tipologia.

Para ensinar os educandos a ler não foi absolutamente necessário nem obrigá-los a ler histórias que não levam em conta sua realidade, nem repetir para eles incansavelmente as mesmas palavras. Mas, é inteiramente possível habituá-las desde o início à ideia de que o essencial é o sentido do texto e de que a leitura está na origem de toda informação e de um prazer estético autêntico.

O estudo pretendeu mostrar que compreender e interpretar são dois conceitos que se aproximam em alguns aspectos e se distanciam em outros. Enquanto alguns autores destacam a semelhança entre os dois, a ponto de muitas vezes confundir um com o outro, sem perceber a diferença, este trabalho procurou destacar as diferenças, partindo das semelhanças. Tem-se como pressuposto que a distinção é necessária para um trabalho didático produtivo.

A escola deve considerar a leitura como meio imprescindível para a conscientização e construção de saberes, devendo buscar estratégias para que todas as crianças tenham o pleno desenvolvimento da leitura e da escrita, não fazendo da leitura uma prática constante apenas na alfabetização e nas séries iniciais, mas uma prática diária em todas as fases da vida escolar.

REFERÊNCIAS

BEAUGRANDE, R. de. New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowlegde and Society. In. Marcuschi, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. Parábola Ed., 2009.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e

Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Conhecimentos de Língua Portuguesa. Brasília, 1999.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª ed. - São Paulo: autores associados: Cortez, 1989.

GERALDI, J.W. Portos de passagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreensão dos sentidos do texto. - 3. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2009.

KOPKE, H. F. (2001). Estratégias em compreensão da leitura: conhecimento e uso por professores de língua portuguesa. Tese de doutorado em linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

LEFFA, Vilson J. Aspectos da leitura. Uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. Parábola Ed., 2009.

MENEGASSI, Renilson José. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor - Revista UNIMAR 17(1):85-94,1995) ORLANDI, E. Discurso e Leitura. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2009.

ROJO, Roxane. H.R; BARBOSA, Jacqueline. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. 1 ed. São Paulo: Parábola: 2015.

SILVA, Sebastiana F. da. Como lidar com o erro no processo de aprendizagem de língua materna na educação de jovens e adultos. Campinas-SP. 2009.

SOLÉ. Estratégias de leitura. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.